

# **A TERRA PLANA E UMA REFLEXÃO SOBRE O ATAQUE AS UNIVERSIDADES PÚBLICAS**

Maria Luiza Nogueira Rangel

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como objetivo iniciar uma reflexão sobre os ataques desferidos ao conhecimento de forma geral e as universidades públicas, em especial, suscitando uma discussão sobre o conceito de verdade, políticas públicas e questões epistemológicas.

Parte do entendimento de que o homem segue em busca de certezas e verdades sobre o mundo, assim como os filósofos na antiguidade. Porém, vivência na atualidade uma crise de confiança na ciência e nas instituições científicas (universidades, centros de pesquisa, instituições de fomento). O fenômeno, no entendimento de vários pesquisadores, é mundial, mas no Brasil apresenta uma característica específica diante de uma política de cortes extensos no seu financiamento. As pessoas deixaram de acreditar no conhecimento científico? Existe um movimento anticientífico em curso? A quem interessa?

## **DESENVOLVIMENTO**

A universidade pública no Brasil, locus privilegiado da realização da pesquisa e da produção do conhecimento científico e tecnológico, na atualidade, virou sinônimo de balburdia e vive sobre ataque sistemático de membros do governo. Os primeiros movimentos do novo governo eleito de Jair Bolsonaro e de seus diferentes ministros da educação contribuem para desmoralizar as universidades e inviabilizar um projeto de desenvolvimento científico e tecnológico no país.

A exemplo da programação orçamentária e financeira definida em 2019 que estipulou cortes na educação de quase R\$ 6 bilhões, representando uma queda de 25% no orçamento do Ministério da Educação. No Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), o contingenciamento foi de R\$ 2,1 bilhões, o que representa um corte de 43% no orçamento da pasta. A política econômica começa a comprometer o sistema nacional de ciência e tecnologia construído ao longo de décadas no país.

O principal reflexo dessa política já pode ser sentido em diferentes atividades, como o atraso no pagamento de bolsas, diminuição do apoio para participação em congressos e publicações, na ameaça de extinção de agências e empresas de fomento como a Financiadora de Estudos e Projetos de Inovação FINEP e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPQ, no encerramento de redes internacionais de pesquisa, na interrupção das compras de equipamentos para laboratórios, na fuga de cérebros, entre outras.

Como podemos observar, para além do enfrentamento político e financeiro, a ciência começa a perder espaço para ideias obscuras cultivadas por grupos religiosos, ou semi religiosos como os seguidores da “terra plana” ou da rede antivacina. Sobretudo, porque na atualidade basta um clique e alguns seguidores para que uma nova teoria seja lançada na rede, segundo De Negri, Hernandez e Alves (2019) [...] “a facilidade de comunicação e as redes sociais deram visibilidade a teses e ideias que antes ficavam restritas a pequenos grupos de pessoas sem expressão”. E quando as ideias anticientíficas são propagadas por representantes do próprio governo?

O exemplo do aquecimento global ajuda a ilustrar o problema, o consenso entre cientistas sobre o aumento da temperatura global e o peso das atividades humanas nesse processo gerou uma participação mais efetiva dos governos na regulação da emissão de gases estufa, incluindo um acordo internacional entre os países integrantes da Organização das Nações Unidas (ONU), o protocolo de kyoto, cujo Brasil é signatário. Entretanto, o entendimento do governo atual é de negar ou manifestar dúvidas sobre o aquecimento global, contrariando consenso que envolve 99% dos cientistas. Tal ceticismo foi expresso mais de uma vez pelo ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo e pelo titular do Meio Ambiente, Ricardo Salles.

Outro movimento de ataque ao conhecimento e as universidades pode ser exemplificado nas ações do ex Ministro da Educação, Abraham Weintraub, que afirmou em diferentes oportunidades que ao invés de fazer pesquisa, as universidades públicas produzem metanfetamina nos laboratórios de química, e que também cultivam plantações extensivas de maconha, a ponto de precisar de borrifador de agrotóxico.

Manifestações como as apresentadas acima começam a revelar quais são os atores que incentivam a desconfiança no conhecimento científico na atualidade, é

necessário portanto aprofundar os conhecimentos para responder: Quais são os interesses manifestos?

O conceito de verdade, a confirmação de teorias científicas, a possibilidade do conhecimento científico, tem ocupado a atenção de filósofos e pesquisadores ao longo da história. Assim, para iniciar a reflexão sobre a possibilidade do conhecimento importa recorrer a tradição filosófica que organizou três condições para estabelecer o conhecimento sobre algo. Segundo a tradição filosófica ocidental, a epistemologia ofereceu uma definição sobre conhecimento, na qual este é analisado em três componentes essenciais, a saber: justificação, verdade e crença. (MOSER; MULDER; TROUT, 2004).

Dessa forma, por mais que uma crença esteja justificada, não significa que a mesma não possa ser falsa, e uma vez falsa, mesmo que justificada não pode ser englobada na categoria “conhecimento” (MOSER; MULDER; TROUT, 2004).

No passado, era justificável que muitos cressem que a terra é plana. A crença deles era errada, como sabemos, mas, dadas as melhores informações de que então dispunham, tinham razões justificadas para sustentar essa crença. Como a crença era errônea eles não sabiam que a Terra é plana. Nesse caso, o fato de lhes negarmos que tinham conhecimento, não estamos criticando-os nem culpando-os (MOSER; MULDER; TROUT, 2004, p. 20).

Com a afirmação acima os autores mostram que apesar da crença ser justificada, a mesma estava errada. Errada porque não possuíam as informações necessárias que conduzissem a verdade.

Na atualidade as pessoas possuem diferentes mecanismos científicos para saber que a terra não é plana. Entretanto, alguns seguem acreditando, com associações e contribuições financeiras como a Flat Earth Society "Sociedade da Terra Plana". “Porém, essas pessoas não sabem que a terra é plana, pois o fato é que ela não é. Afinal, para se saber algo, para se ter um conhecimento verdadeiro, é preciso que a crença seja correta. É impossível saber algo falso” (MOSER; MULDER; TROUT, 2004, p. 19). Os autores nos mostram que a verdade é necessária para o conhecimento, e que a verdade não é verdade segundo essa ou aquela pessoa, mas sim a partir de um correspondente no mundo real, independente de crenças ou posicionamentos.

Para efeito de análise, percebemos os “terrapiplanistas” como pessoas que questionam o conhecimento científico por falta de conhecimento, essas pessoas não sabem que a terra é plana pois, como já mencionado, o fato é que ela não é. Assim, movimentos negacionistas muitas vezes resultam do desconhecimento sobre o que é a ciência e como ela funciona.

Portanto, na visão de alguns autores não seria um movimento anticientífico, mas bolhas que rejeitam certas evidências e consensos, e que aceitam outros. Assim, os que se recusam a reconhecer que as mudanças climáticas estejam ligadas à ação do ser humano não são necessariamente os mesmos que defendem que a Terra é plana. Esses grupos, são pequenos e sempre existiram. Fortalecidos por suas próprias fontes de informação e por interpretações equivocadas de estudos científicos, ganharam notoriedade com o poder de difusão da internet (CASTELFRANCHI apud ANDRADE, 201, p. 20).

Quanto ao governo, promove a desinformação de forma intencional para atender aos interesses de grupos políticos e econômicos. Neste sentido, um dos caminhos encontrados, além do estrangulamento financeiro, é o de tentar desconstruir a imagem das universidades públicas, que respondem por mais de 90% das pesquisas produzidas no país.

É importante destacar que não é objetivo do presente estudo fazer uma defesa ingênua da ciência, mas demonstrar as dificuldades históricas que permeiam a temática, bem como explicitar a necessidade da defesa das instituições científicas na atualidade.

## **CONCLUSÃO**

O estudo mostrou que a desconfiança na ciência e os movimentos negacionistas muitas vezes resultam do desconhecimento sobre o que é a ciência e como ela funciona, na visão de alguns autores não seria um movimento anticientífico, mas bolhas que rejeitam certas evidências e consensos, e que aceitam outros. Enquanto governos, muitas vezes promovem a desinformação de forma intencional para atender aos interesses de grupos políticos e econômicos, como no Brasil.

**REFERENCIAS**

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. Resistencia a Ciência. Revista Pesquisa FAPESP. SP. 2019.

De Negri, Fernanda, Hernandez, Luis Carlos, Alves, Priscila Mello. Fé no conhecimento. IPEA. 2019.

MOSER, Paul K.; MULDER, Dwayne H.; TROUT, J. D. A teoria do conhecimento: uma introdução temática. São Paulo: Martins Fontes, 2004.